

# ACENDENDO

# VELAS



## O EXUSÍACO E O

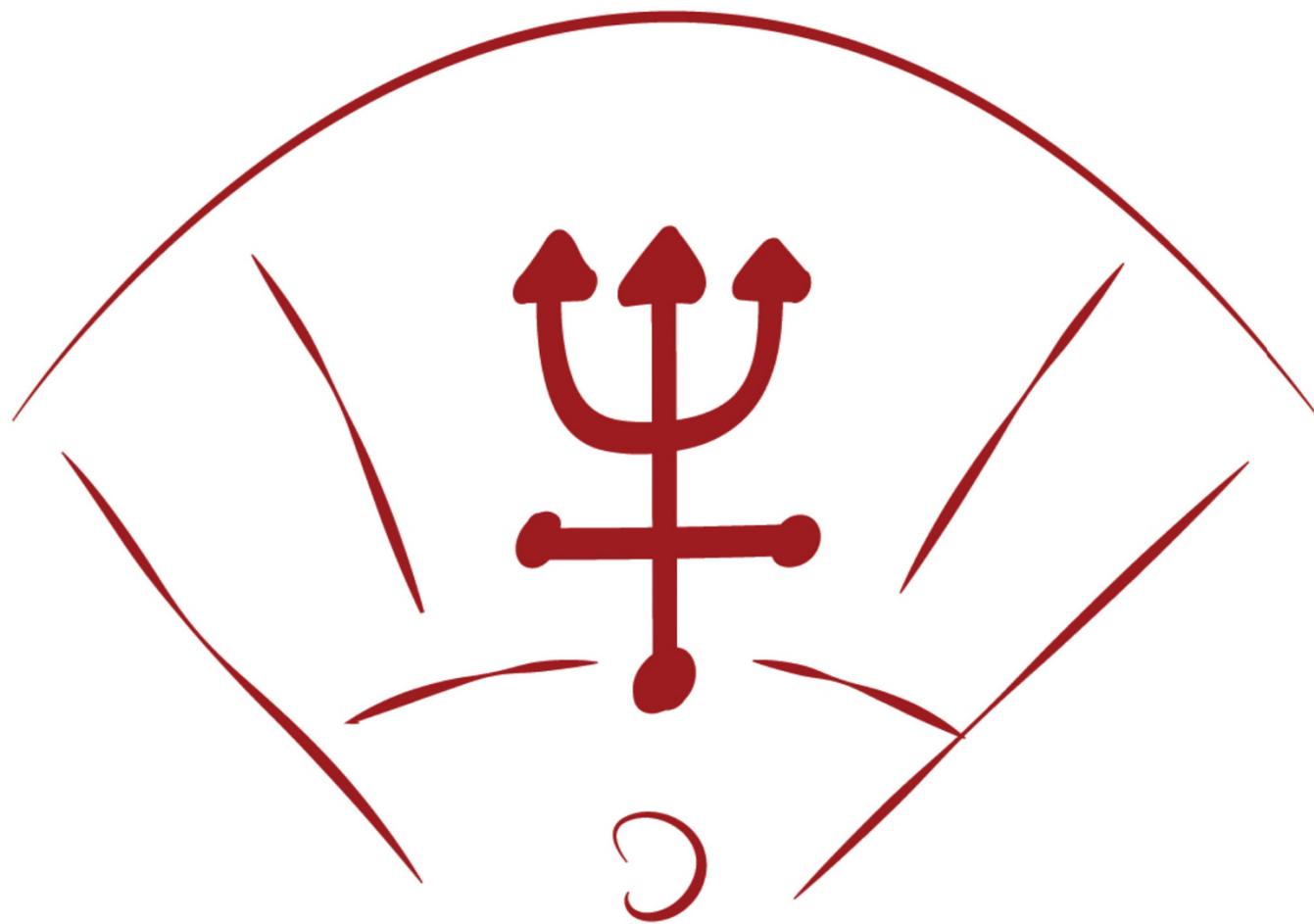
## OXALUFÂNICO

Texto por Luiz Antonio Simas e  
Luiz Rufino  
Capítulo Ilustrado: Acendendo  
Velas  
o exusíaco e o oxalufânico

# FOGO NO MATO

## A CIÊNCIA ENTORADA DAS MACUMBAS

LUIZ ANTONIO SIMAS E LUIZ RUFINO  
2018



Projeto editorial desenvolvido e apresentado ao Curso de Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, para a obtenção do grau de Bacharel em Design

Orientador: Luiz Carlos de Laurentiz

Diagramação  
Ilustrações

Rafaella Souza  
Rafaella Souza



**Exu que tem duas cabeças, ele faz  
sua gira com fé,**

**Exu que tem duas cabeças, ele faz  
sua gira com fé.**

**Uma é satanáas do inferno, a outra é  
Jesus de Nazaré,**

**Uma é satanáas do inferno, a outra é  
Jesus de Nazaré.**

**[ PONTO CANTADO )**



**IFÁ**  
**ENSINA**  
**QUE**  
**EXU**

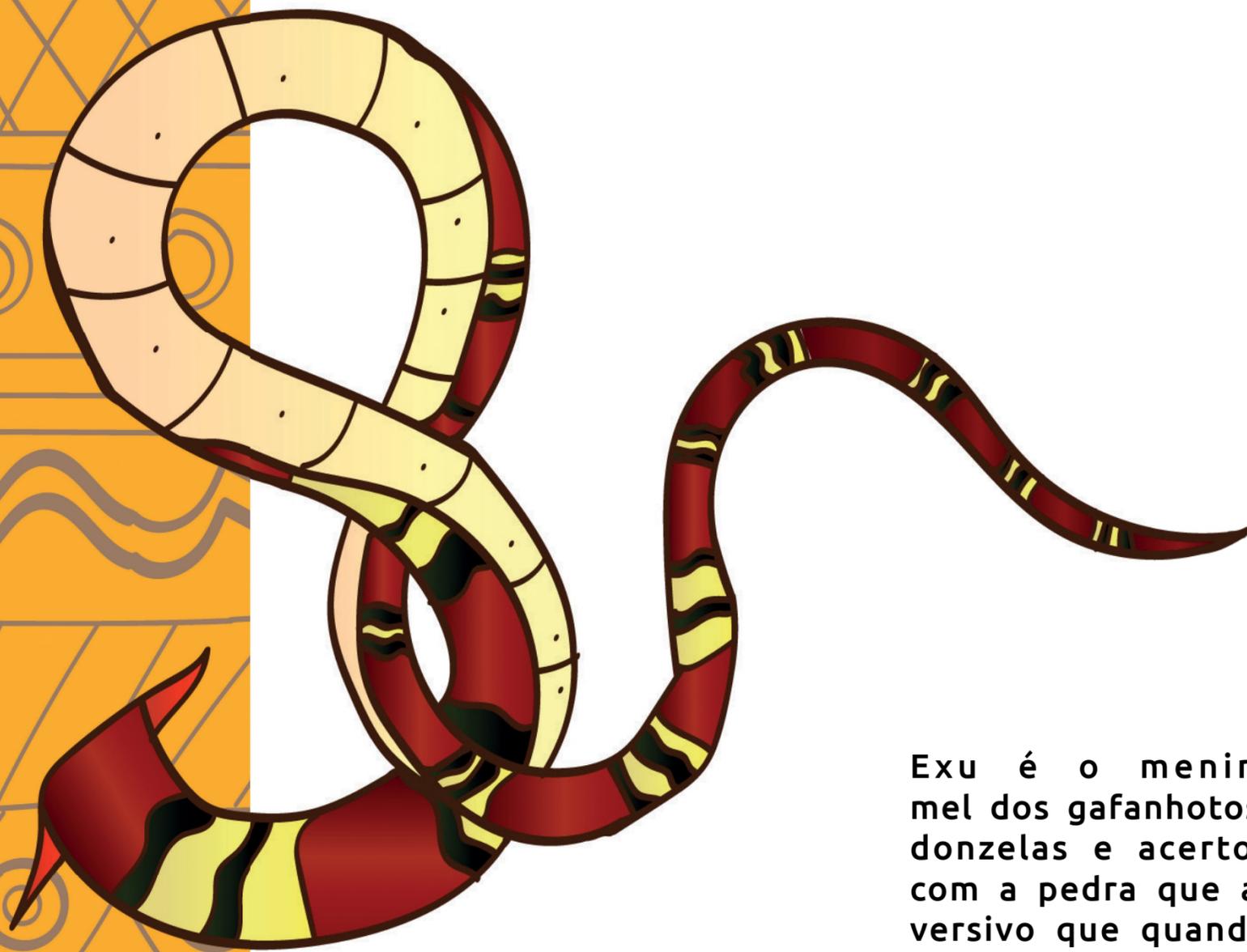
é aquele que fuma o cachimbo e toca a flauta. Ele fuma o cachimbo como metáfora da absorção das oferendas e toca a flauta como ato de restituição do axé, a energia vital. Absorção, ingestão, doação e restituição são funções primordiais do Bará, o “Senhor do Corpo”, em sua dimensão de Enugbarijó (Boca Coletiva, ou A boca que tudo come). É por isso que percebemos o campo da cultura como território de Exu: o ato cultural potente é o da disponibilidade de Bará ingerir o que chega como oferenda para devolver a oferta, redimensionada, como axé: força que inaugura a vida como vitalidade na vida como experiência física; aquela que sem a vitalidade não pode ser. Ifá diz ainda que em certa feita Exu foi desafiado a escolher, entre duas cabaças, qual delas levaria em uma viagem ao mercado de Ifé. Uma continha o bem, a outra continha o mal. Uma era remédio, a outra era veneno. Uma era corpo, a outra era espírito. Uma era o que se vê, a outra era o que não se enxerga. Uma era palavra, a outra era o que nunca será dito. Exu pediu imediatamente uma terceira cabaça. Abriu as três e misturou o pó das duas primeiras na terceira. Balançou bem. Desde este dia, remédio pode ser veneno e veneno pode curar, o bem pode ser o mal, a alma pode ser o corpo, o visível pode ser o invisível e o que não se vê pode ser presença, o dito pode não dizer e o não dito pode fazer discursos vigorosos.



**EXU VIROU O LGBÁ KETÁ:  
SENHOR DA TERCEIRA CABAÇA.**

É com ela que ele caminha pelo mercado, com o passo gingado, o filá, o cachimbo e o flautim. Vez por outra, retira um pouco do pó da cabaça e sopra entre as mulheres e os homens. Ele sempre nos desafia, assim, a serpentear, como a cobra coral de três cores que lhe pertence, as entranhas do mundo. Exu vive no riscado, na fresta, na casca da lima, malandreando no sincopado, desconversando, quebrando o padrão, subvertendo no arrepiado do tempo, gingando capoeiras no fio da navalha.

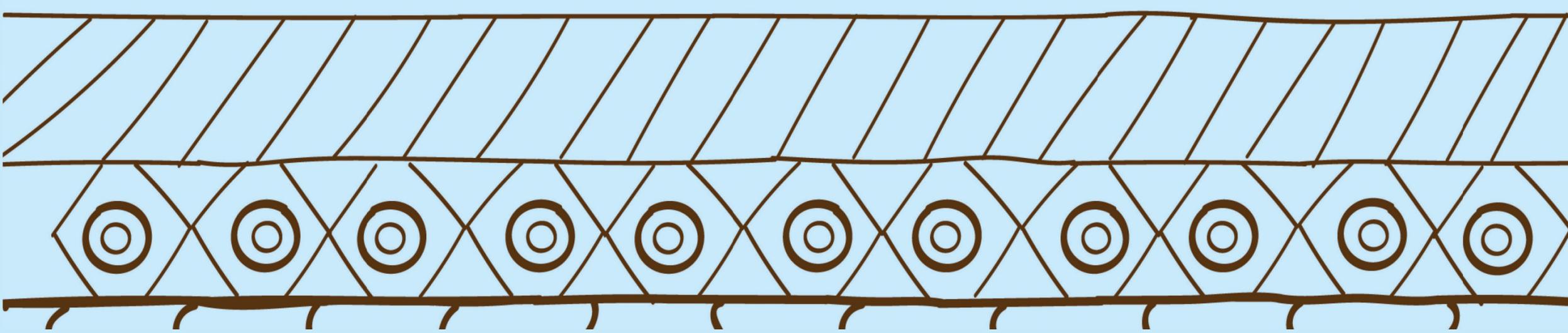




Exu é o menino que colheu o mel dos gafanhotos, mamou o leite das donzelas e acertou o pássaro ontem com a pedra que atirou hoje; é o subversivo que quando está sentado bate com a cabeça no teto e em pé não atinge sequer a altura do fogareiro. Exu é chegado aos fuzuês da rua. Mas não é só isso e pode ser o oposto a isso.

**EXU É CHEGADO AOS  
FUZUÊS DA RUA.**





**OXALUFÃ, POR SUA VEZ, É O ORIXÁ QUE TEM COMO POSI-  
TIVIDADE A PACIÊNCIA,  
MÉTODO, ORDEM, RETIDÃO E CUMPRIMENTO DOS  
AFAZERES. TUDO QUE É CONTRÁRIO  
REPRESENTA A NEGATIVIDADE QUE PODE PREJUDICAR  
SEUS FILHOS.**



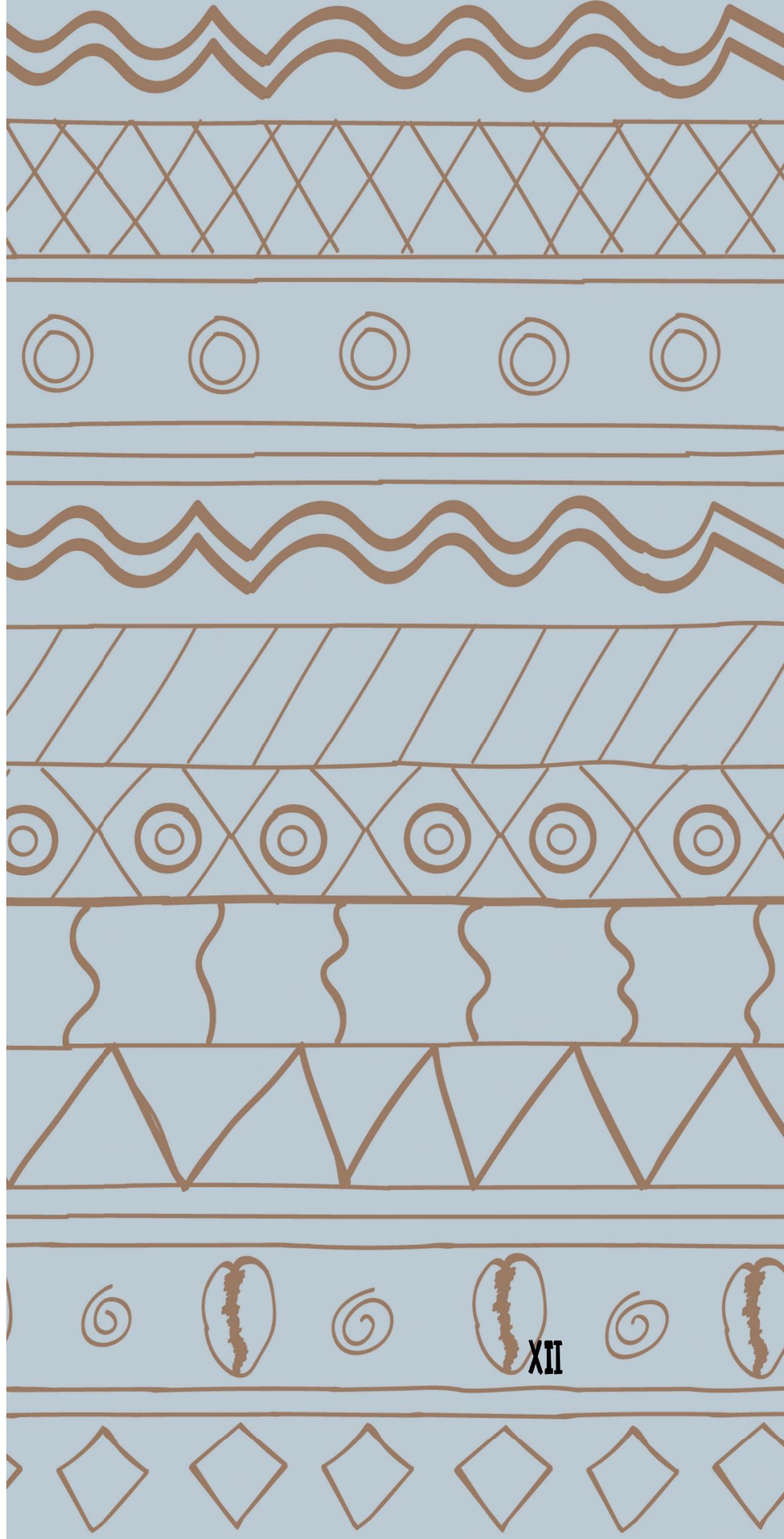
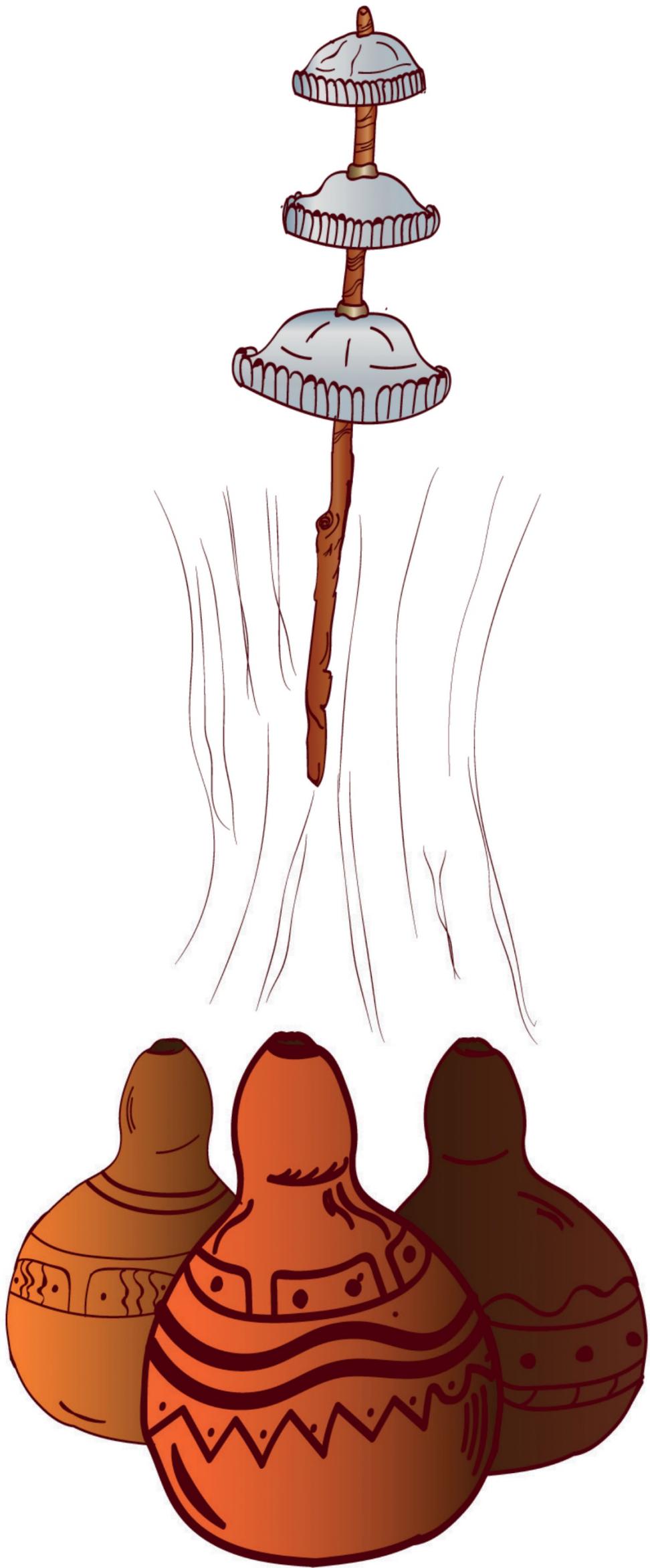
Diz um mito de Ifá que, quando Oxalufã se desviou da missão a ser executada, não atendeu a Exu, não fez o ebó e embriagou-se com vinho de palma, quase comprometendo a própria tarefa da criação do mundo. Em outra ocasião, quando também tentou agir por instinto e teimosia, não seguindo a recomendação do babalaô, Oxalufã foi preso ao fazer uma viagem ao reino de Xangô, acusado injustamente pelo furto de um cavalo. Libertado após sete anos, Oxalufã pediu apenas um banho e uma muda de roupa branca. A dança de Oxalufã é solene, marcada pelo ritmo lento e constante dos atabaques. Apoiado em um cajado, coberto por um pano branco, ele exige respeito e é reverenciado por todos os orixás. Seus filhos evitam bebidas destiladas - o mito explica a interdição - e são submetidos a uma série de tabus alimentares que envolvem, por exemplo, os alimentos que levam dendê. Oxalufã é, enfim, o maestro de solenidades, que não toca sem partitura e não quer firulas que driblem o rigor bonito e sério do que vai escrito na pauta. Quando tenta escapar da partitura, Oxalufã se desconcerta e perde a vitalidade. Quando vive sua melhor potência, Oxalufã cobre o mundo com seu alá de beleza e ordena as coisas esteticamente bem arranjadas.



**A dança de Oxalufã é solene, marcada pelo ritmo lento e constante dos atabaques.**



Cabe lembrar que as potências acima mencionadas de Exu e Oxalufã são parcialmente explicitadas na dramatização do xirê, a festa em que os orixás se apresentam dançando e portando seus objetos icônicos. O xirê ritualiza o mito para que ele seja avivado e modele percepções e condutas individuais e comunitárias. O rito sem o mito perde o sentido; o mito, sem a ritualização, é apenas fabulação, e não uma verdade estabelecida por percepções objetivamente recusáveis do real, mas que dão sentido a ele. Partindo das observações acima, e vivenciando xirês que presentificam o corpus literário de Ifá, nos parece possível pensar os conceitos de exusíaco e oxalufânico, dimensionados como interação e tensão; nunca como dicotomia estancada de cruzos.



# EXU PODE SER OXALUFÂNICO E OXALUFÂNICO PODE SER EXUSÍACO

O oxalufânico e o exusíaco não são opostos, ao menos na percepção da oposição como contradição ou impossibilidade de convivência. Oxalufã, a retidão criadora, tentou burlar o ebó no processo de criação do mundo. Exu, o desregrado que cria, é também o que fiscaliza o cumprimento das regras. Foi ele que pregou peças em Oxalufã quando percebeu que este não estava cumprindo os deveres da criação conforme o que fora estabelecido por Olodumarê e revelado por Ifá. Oxalufã pode ser exusíaco e Exu pode ser oxalufânico. Oxalufã não quer fazer ebó. Exu pune quem não faz o ebó marcado. Não se estabelece, neste sentido, uma contradição entre a ideia do oxalufânico como o fundamento da ordem e das regras e o exusíaco como

o fundamento da vida e da embriaguez que a Oxalufã é vetada. É da interação tensa e intensa entre esses princípios que a vida se apresenta como possibilidade, a partir do jogo entre a ordenação do mundo estabelecida no campo oxalufânico e a desorganização dessa ordem promovida pela potência exusíaca. O estado de embriaguez, afinal, pressupõe seu contraponto ativo, a sobriedade. O que há entre o exusíaco e o oxalufânico é um processo que podemos, de forma brincante, chamar de enzimático, recorrendo ao campo da biologia. As enzimas, afinal, têm funções catalisadoras. Elas catalisam reações que sem a sua presença provavelmente não aconteceriam, possibilitando vitalidade e funcionamento dos metabolismos. Ao mesmo tempo em que interagem

# OXALUFÃ PODE ENCARNAR-SE EXUSÍACO.

gerando novas possibilidades, as enzimas não são consumidas na reação. Elas produzem o fenômeno da interação e da transformação, ao mesmo tempo em que permanecem inalteradas. Exu é o catalisador de Oxalufã; é a chave para que o metabolismo funfun do orixá da criação funcione. Oxalufã, por sua vez, é o catalisador das dinâmicas transformadoras que Exu carrega. A ordem dinamiza a desordem, sem deixar de ordenar; e vice-versa. Uma é a catalisadora da outra. Dessa forma, as potências de Exu e Oxalufã se cruzam para dinamizar as mais diferentes possibilidades de invenção. A nosso ver, as noções de exusíaco e oxalufânico correlacionam-se a outro conceito que é o de cruzo. A partir da perspectiva lançada, as potências desses orixás não podem ser

lidas como dimensões estanques e não possíveis de interação. O cruzo alude para as ambivalências, interstícios, complexidades, imprevisibilidades e inacabamentos envoltos a todo e qualquer processo criativo. Partimos do princípio que o que existe não é uma supressão ou rejeição entre os princípios concernentes a cada um dos orixás, mas sim uma capacidade de coexistência, catalisação e transformação. É nesse sentido que firmamos o ponto de que dependendo da dinâmica e das circunstâncias Exu pode ser oxalufânico e Oxalufã pode encarnar-se exusíaco.

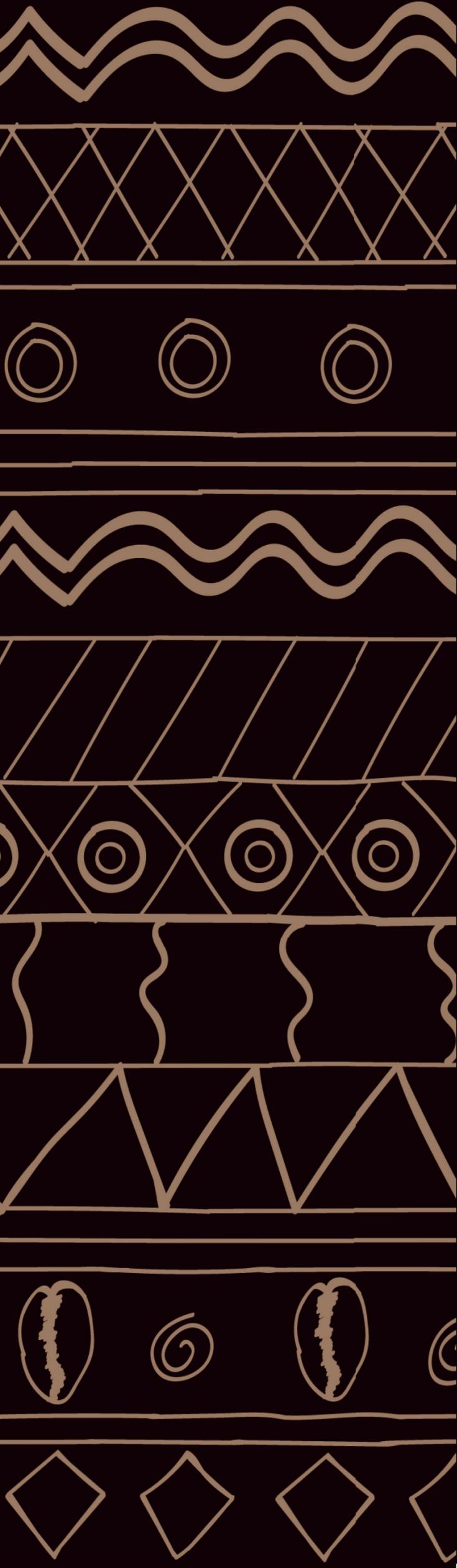
EXU PERAMBULAVA PELO MUNDO,  
LIVRE DE MISSÕES, DE OFÍCIOS, DE  
PREOCUPAÇÕES E DESEJOS.





Os deslocamentos provocados que desestabilizam a fixidez e os rigores presentes nos princípios, até então opostos, manifestam-se como potência inventiva. As narrativas míticas presentes no repertório poético de Ifá nos mostram que, a cada momento em que os princípios e potências dos orixás se cruzaram, novas possibilidades emergiram. Assim, mesmo tendo os princípios cósmicos (orixás) mantendo as marcas fundamentais de suas potências (axés), o cruzo os lança nas dimensões da coexistência e da interação, codificando uma dinâmica geradora de possibilidades, ou seja, de abertura de novos caminhos. Antes de chegar à casa de Oxalufã, Exu perambulava pelo mundo, livre de missões, de ofícios, de preocupações e desejos. Até que em um dia, passou a ir à casa de Oxalufã, ao contrário dos outros visitantes. Exu frequentou a casa do velho orixá durante assíduos dezesseis anos e por lá se manteve atento às atividades desempenhadas pelo grande senhor do branco. Exu prestou atenção em tudo, observou cada parte da modelagem dos seres, não questionou absolutamente nada. Apenas observou e, através da sua permanente aplicação, aprendeu tudo.

Certo dia, Oxalufã ordenou a Exu que se postasse na encruzilhada e por lá ficasse vigiando aqueles que vinham até a sua casa. Determinou também que Exu não deixasse passar aqueles que não traziam oferendas. Oxalufã não queria perder tempo com outras atividades; queria se dedicar apenas ao seu ofício de modelar os seres humanos. Exu havia aprendido tudo e agora podia ajudar Oxalufã no seu trabalho. Assim, permaneceu na encruzilhada recebendo as oferendas (ebós) e as entregando ao orixá do branco. Exu executava tudo de forma exímia. Oxalufã, reconhecendo os méritos de seu trabalho o recompensou, ordenou que todos aqueles que vinham a sua casa e lhe ofertavam algo destinassem parte das oferendas também a Exu, que desta forma manteve-se como guarda da casa de Oxalufã e fez da encruzilhada a sua morada. A encruzilhada nos ensina que não há somente um único caminho; a encruzilhada é campo de possibilidades. É lá o tempo e espaço onde Exu faz a sua morada e se mantém a postos na guarda da casa de Oxalufã. Na vida, somos desafiados a encruzar as dobras do mundo, ora sendo exusíacos, ora oxalufânicos. Somos herdeiros de um mundo cindido, porém as nossas invenções emergem das fronteiras, as nossas astúcias, mandingas e desobediências são operadas no cruzar das duas bandas.



O N o v o M u n d o para nós é uma realidade não a partir da cisão de duas bandas, em que uma deve sobrepor-se a outra. O Novo Mundo para nós é inventado cotidianamente na produção da vida enquanto possibilidade: é um mundo inventado como encruzilhada. Somos suportes de memórias e de saberes múltiplos encarnados de forma cruzada pelos princípios e potências aqui citados. Se Oxalufã é o responsável por modelar os seres humanos, Exu é o responsável por inferir mobilidade e vigor existencial que marcam a nossa condição demasiadamente humana. As noções de exusíaco e oxalufânico não estão necessariamente tecendo o debate entre as diferenças do que há posto em cabaças distintas, a intenção é nos provocar a problematizar a terceira cabaça, aquela que guarda os componentes de ambas as perspectivas, agora não mais uma e outra, mas sim como terceiro elemento. As noções de exusíaco e oxalufânico compreendem uma dinâmica alteritária e dialógica. que, vira e mexe, desobedece e transgride as regras.

# EXU É O AGENTE TRANSGRESSOR QUE CUMPRE A TAREFA DE FISCALIZAR A ORDEM, OXALUFÃ É O AGENTE ORDENADOR

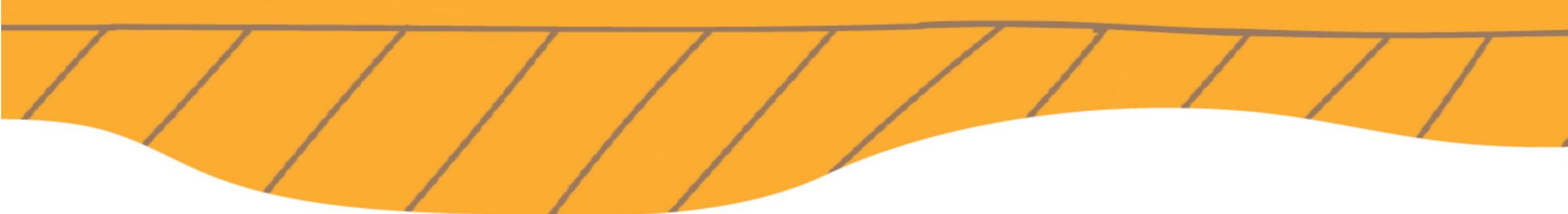
Nesse sentido, ao invocar uma instância, a outra estará também expressa de forma imbricada. É o dito e o não dito enviesados na mesma amarração. Essa relação reflete o caráter primordial envolto a Exu e Oxalufã. Os princípios de ordem e desordem são aqui redimensionados na medida em que nos mitos citados as potências de ambos orixás se cruzam dinamizando outras possibilidades. Exu é o agente transgressor que cumpre a tarefa de fiscalizar a ordem, Oxalufã é o agente ordenador. As noções de exusíaco e oxalufânico são potências que podem ser invocadas e encarnadas nas mais diferentes instâncias, o que as caracteriza é o fato delas cruzarem-se e dinamizarem possibilidades inventivas, escapes e astúcias envoltas a uma atmosfera ambivalente. Assim, firmamos ponto na encruzilhada de Exu, que guarda o portão da casa de Oxalufã.



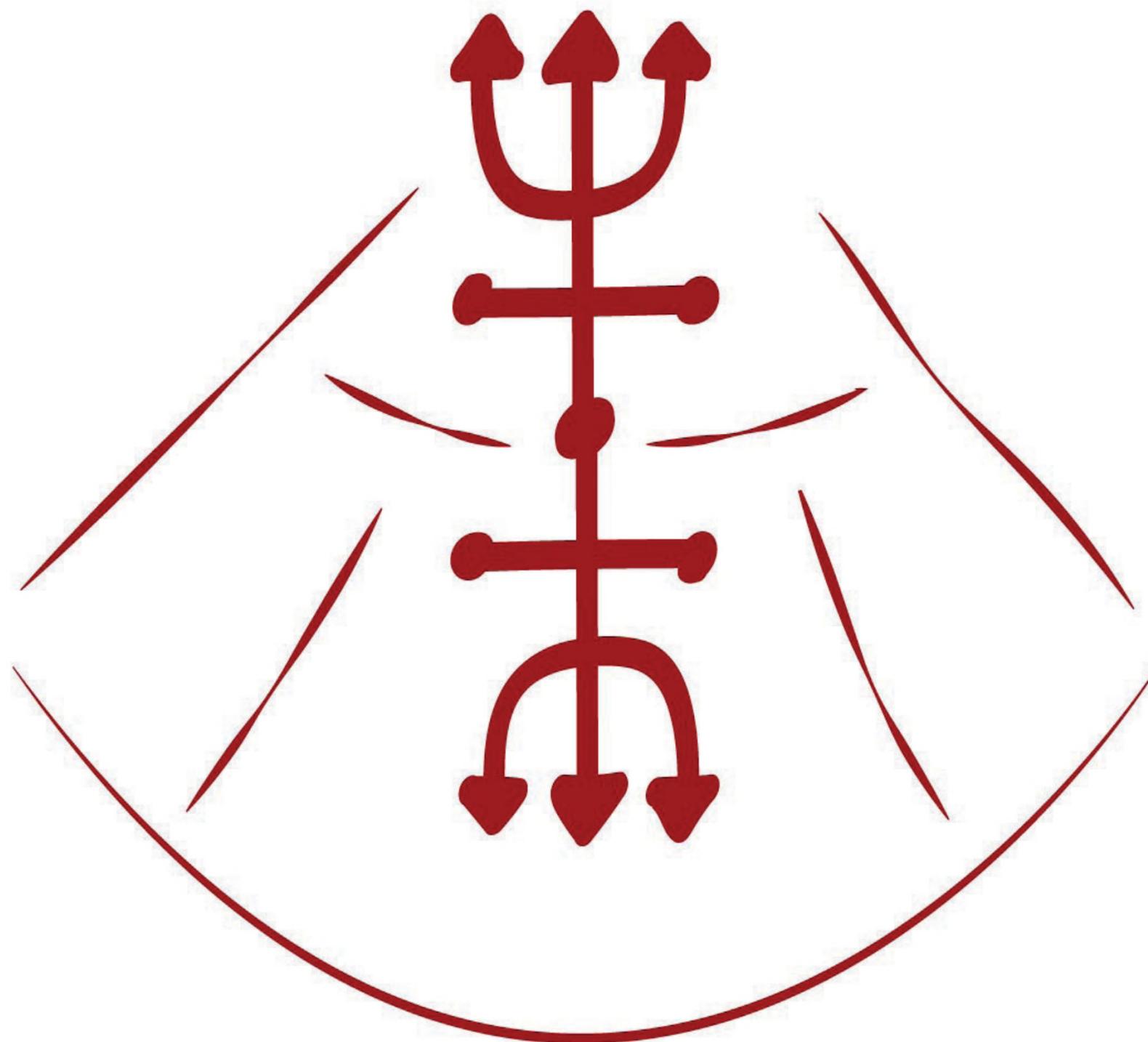
A perspectiva lançada possibilita o desafio aos limites e oposições que fundamentam um mundo assombrado por determinadas lógicas normativas que recusam o cruzo como possibilidade. O desafio aqui é invocar e encarnar as potências que esculhambam os binarismos impostos; a dinâmica que emerge enquanto possibilidade é alteritária, ambivalente e dialógica. Aquele que esculhamba também fiscaliza e aquele que fundamenta a regra também cria a transgressão e exceção da mesma. Nos fluxos e invenções diaspóricas que ressemantizaram as práticas no Brasil, algumas tradições produzem leituras que acentuam as oposições entre Oxalufã e Exu e negam veemente o cruzo.

Essas perspectivas são mais uma vez marcas das operações e efeitos normatizadores impostos pelo colonialismo dos corpos, mentes e espíritos, que tencionam abafar o radicalismo sugerido no ato de nos lançarmos às encruzilhadas das transformações. Existem, porém, duas máximas populares que atam verso para sustentar o tom inacabado desta toada:





**a primeira afirma que nas  
bandas de cá ninguém é santo; a  
segunda diz que por aqui se acende  
uma vela para Deus e outra para o  
diabo.**



Projeto editorial desenvolvido e apresentado ao Curso de Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, para a obtenção do grau de Bacharel em Design

